



**GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda;
SCHOEPS, Luciana Antonini. *Primeiras edições de Machado de
Assis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.*
São Paulo: Publicações BBM, 2022. 256p.**

Benito Petraglia

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

benitop@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-0677-5136>

O que escrever sobre um livro que mereça talvez tanto ou mais ser visto quanto lido? Encontrar palavras é, sem dúvida, uma tarefa bem mais árdua do que contemplar imagens. Ou dito de outro modo, traduzir com propriedade imagens em palavras é atributo para poucos. Acrescente-se ainda a beleza inefável do papel couchê para complicar a vida do pobre resenhista que não sabe lidar com essa mistura de sensações. É o caso de *Primeiras edições de Machado de Assis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*.

A solução possível é escrever às apalpadelas, como vivia aquele personagem do conto “A segunda vida”, do próprio Machado. Além disso, valho-me obviamente dos autores-organizadores da obra: Hélio de Seixas Guimarães, Ieda Lebensztayn e Luciana Antonini Schoeps; e do possuidor da biblioteca, José Mindlin, uma espécie rara de encontrar no Brasil, um empresário com sensibilidade para a literatura, que utiliza a própria empresa para patrocinar a publicação de livros.

E como classificar essas *Primeiras edições*? Seria acertado considerar a obra como livro de arte? Por que não adotar os conceitos da mesma pessoa que passou uma “vida entre livros”? Entre as vertentes que nortearam a constituição de sua biblioteca, Mindlin alinha os livros de arte e os livros como objeto de arte, “pela tipografia, diagramação, ilustração, encadernação etc. Se o texto, neste caso, fosse também de meu interesse, tanto melhor” (MINDLIN, 2008, p. 135-137).

Creio que assim também se podem classificar *As primeiras edições*: apresentam “características de objeto de arte” e oferecem interesse de leitura. Ponto de vista reforçado pelos autores-organizadores: “O objetivo[...] não é apresentar os exemplares como fetiches de colecionadores, o que eles também não deixam de ser, mas valorizá-los como material de pesquisa e produção de conhecimento.” (GUIMARÃES, LEBENSZTAYN, SCHOEPS, 2022, p. 13). Objetivo ou proposição que torna indispensável a consequência: “Ao recuperar a história biobibliográfica e oferecer um breve esboço das condições em que cada obra veio à luz, vem à tona informações relativas à história do livro, da edição e da própria sociabilidade literária no Brasil oitocentista.” (GUIMARÃES, LEBENSZTAYN, SCHOEPS, 2002, p. 13).

A evidência inequívoca e prática da admiração de José Mindlin pela literatura do escritor Machado de Assis dispensa a própria declaração desses votos. Ou seja, não precisamos saber: “Dos três [Machado de Assis, Visconde de Taunay e Anatole France] eu li toda a obra, mas o único que permaneceu em releituras constantes foi Machado. Não passa ano em que não leia algum de seus romances ou contos.” (MINDLIN, 2008, p. 57). Não precisamos saber também: “Não posso falar de Machado sem dizer que a figura de Capitu sempre me atraiu, que acho seus contos admiráveis.[...] Ainda existe o sem fim de crônicas, que a gente lê com prazer.”(MINDLIN, 2008, p. 198).

A evidência inequívoca e prática está no fato da existência mesma dessas *Primeiras edições*. Creio que não haja dificuldade em deduzir que houve esforço deliberado, intenção, propósito, empenho de adquiri-las uma a uma, e não uma atitude aleatória que dependesse do acaso de uma boa oportunidade.

Mindlin possui a primeira edição de todos os romances, de todas as coletâneas de contos, de todos os livros de poesia, de todo o teatro, tanto os volumes com mais de uma peça, como *Teatro, Volume I* (1863), com as obras *O caminho da porta* e *O Protocolo*, quanto produções avulsas, como *Tu, só tu, puro amor* (1881), numa tiragem de cem exemplares, numerados e assinados por Machado de Assis. Além disso, há primeiras edições com mais de um exemplar, como *Iaiá Garcia* (1878) e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), com dois exemplares. E ainda há livros com a primeira e a segunda edições, como *Ressurreição*, edições de 1872 e 1905, e *A mão e a luva*, edições de 1874 e 1907.

Cabe, por fim, apresentar exemplos da relação entre “história dos livros” e “sociabilidade literária”. O primeiro fato a ressaltar é o caráter, por assim dizer, amadorístico de certos eventos culturais em meados do século XIX. É o caso de *Quase Ministro: Comédia em um ato* (1863): “A comédia insere-se no que se costuma chamar teatro de salão. Composta para ser encenada por um grupo de amadores num sarau literário entre amigos” (GUIMARÃES, LEBENSZTAYN, SCHOEPS, 2022, p. 45). São eventos que também indicam

as formas de produção e circulação das obras dentro do campo intelectual do Rio de Janeiro, das quais faziam parte as práticas intimistas e circunscritas ao próprio grupo, como os saraus literários, musicais e dramáticos, com declamações de poemas e execução de partituras musicais. (GUIMARÃES, LEBENSZTAYN, SCHOEPS, 2022, p. 45-46)

Eram práticas que se realizavam até com certa regularidade, como registra a nota preliminar ao texto da comédia: “O sarau era o sexto ou sétimo dado pelos mesmos amigos, reinando neste, como em todos, a franca alegria e convivência cordial.” (ASSIS *apud* GUIMARÃES, LEBENSZTAYN, SCHOEPS, 2022, p. 47).

Outro fato relacionado ainda ao teatro diz respeito ao julgamento duro, talvez severo demais, de Quintino Bocaiúva. No livro *Teatro de Machado de Assis*, Volume 1 (1863), contendo as peças já encenadas em 1862, *O caminho da porta* e *O protocolo*, Machado solicita a Quintino Bocaiúva um conselho sobre as peças que ele vai publicar: “Vou publicar as minhas duas comédias de estreia, e não quero fazê-lo sem o conselho de tua competência.” (ASSIS, 2008, p. 19). Conselho solicitado, conselho dado:

Não inspiram [as duas comédias] nada mais do que simpatia e consideração[...].

Como lhes falta a ideia, falta-lhes a base. [...] São valiosas como artefatos literários, mas até onde minha vaidosa presunção crítica pode ser tolerada, devo declarar-te que elas são frias e insensíveis, como todo sujeito sem alma. [...]

As tuas comédias são para serem lidas e não representadas[...]

O que desejo, o que te peço, é que presentes nesse mesmo gênero algum trabalho mais sério, mais original e mais completo. Já fizeste esboços, atira-te à grande pintura. (ASSIS, 2008, p. 21-23)

É impossível resistir à tentação de especular se um julgamento assim tão severo teria influído em Machado, no sentido de arrefecer-lhe o ânimo de continuar a escrever obras do gênero. É certo, porém, que ainda escreveria *Tu, só tu, puro amor*, feito sob encomenda pelo Real Gabinete Português de Leitura, para a comemoração do tricentenário de Camões; *Não consultes médico* e *Lição de Botânica*, publicadas em *Relíquias de casa velha* (1906). Mas, citando o especialista e mais importante estudioso do teatro de Machado de Assis, João Roberto Faria, “o fato concreto é que o envolvimento de Machado com o teatro diminui muito a partir da década de 1860” (FARIA, 2003, p. XXVI).

Deixei para o final a mais espetaculosa, por assim dizer, ocorrência havida com a obra de Machado. Não poderia encerrar a resenha sem mencioná-la. Foi pouco divulgada. Não que se trate de um acontecimento transcendental para as letras nacionais, ao contrário, é revelador do nosso ambiente intelectual. Contaminado por certo excesso de pudicícia, quer “adaptar” a obra de Machado para esconder, entre outras assombrações, a “boceta de rapé” encontrada, por exemplo, no conto “O lapso”.

No entanto, os autores-organizadores narram o episódio com clareza, sem esconder a “palavra suja”. Ele está relacionado ao livro *Poesias completas*. Não o da edição de 1901, mas o da segunda de 1902: esta “edição apresenta um famoso erro tipográfico na Advertência, com a expressão ‘cegara o juízo grafada como ‘cagara o juízo” (GUIMARÃES, LEBENSZTAYN, SCHOEPS, 2022, p. 191).

Vamos agora à explicação detalhada. Na Advertência de 1901, o autor relata como se deu a gênese da obra. Ele informa possuir versos esparsos para compor um outro livro. Mas achou “melhor ligar o novo livro aos três publicados, *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas*. Chamo ao último *Ocidentais*.” (ASSIS, 2009, p. 29, grifos do autor). Ou seja, reuniu as quatro coleções de poemas num só livro com o título de *Poesias completas*.

Além disso, ele suprimiu de *Crisálidas* alguns poemas e “também o prefácio de Caetano Filgueiras. [...] Não deixo esse prefácio, porque a feição do meu defunto amigo a tal extremo lhe cegara o juízo que não viria a ponto reproduzir aquela saudação inicial.” (ASSIS, 2009, p. 29).

Com efeito, o prefácio a *Crisálidas* é uma louvação desmesurada, um inchaço de retórica laudatória:

os versos de Machado são gemas cintilantes, vida espalmada, flores e sorrisos[...]. São fúlgidas borboletas que adejam sobre todas as flores d'alma, revelando a quem as contempla a perfeição da criatura e o gênio do criador. (ASSIS, 2009, p. 289)

Eis o contexto a que se liga a expressão “cegara o juízo”, que um erro tipográfico modifica para “cagara o juízo” na “Advertência” da segunda edição de *Poesias completas*. Um funcionário da editora Garnier percebeu o erro e corrigiu à mão com tinta nanquim alguns exemplares, mas outros passaram sem seu crivo. A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin possui o exemplar corrigido à mão e o exemplar com o engano claramente exposto. Um livro comum transformou-se numa raridade: “às vezes um erro na edição pode fazer de um livro comum uma grande raridade” (MINDLIN, 2008, p. 29).

Não é o caso de *Primeiras edições de Machado de Assis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*. Uma raridade não por razões espúrias ou palavras malcheirosas, mas por sua importância e beleza artística. Por isso, faço agora um reparo. Dar crédito a Wagner Souza e Silva, responsável pelas “Reproduções fotográficas”, que deixei de citar na apresentação da obra.

Referências

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo 1: 1861-1869; apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet; organização de Irene Moutinho e Silvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL; Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Organização de Rutzkaia Queiroz dos Reis. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA, João Roberto. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Teatro de Machado de Assis*: edição preparada por João Roberto Faria. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. IX-XXX

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda; SCHOEPS, Luciana Antonini. *Primeiras edições de Machado de Assis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*. São Paulo: Publicações BBM, 2022. 256p.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros*: Reencontro com o tempo. São Paulo: Edusp/Companhia das Letras, 2008.